

HOMO INIMICUS: A IGREJA CATÓLICA E A CONSTITUIÇÃO DE UM IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA*

Fernando Antonio Mesquita de Medeiros
Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas

Procuramos neste trabalho estudar o *exercício do poder* na Igreja, analisando o *discurso eclesial* no que ele revela do imaginário da Igreja a respeito do comunismo, entendido como uma representação construída e intimamente relacionada a este exercício de poder.

A produção de uma fala, de um discurso, cujo conteúdo é constituído por doutrinas e dogmas, por ensinamentos sobre si mesma (eclesiologia), sobre Deus (teologia), sobre a sociedade (doutrina social) por uma instituição com tamanha “receptividade” social como a que possuía a Igreja Católica, no momento histórico estudado, quando sua palavra era tida como *a verdade* por grande parte da população, constituiu-se num eficiente instrumento de exercício de poder na medida em que esse discurso foi capaz de fazer ser aquilo que ainda não era – em outros termos foi capaz de *instituir*. Esse discurso foi capaz de moldar comportamentos, *modus* de agir e de pensar e contribuir na definição de práticas políticas e sociais.

Em outros termos, o que tentamos analisar foi, não apenas o que este discurso revelava da realidade social e política daquele momento histórico, referente às décadas de 50 e 60 do século XX e como ela era representada pela Igreja mas, também, como este discurso foi capaz de interferir nesta realidade, transformando-a, funcionando assim como um *instrumento ativo de poder* e não apenas *refletindo a realidade social*¹ a partir de uma determinada perspectiva, a da Igreja Católica.

Para realizar tal análise atentamos para as imagens postas em movimento nos discursos da instituição acerca do comunismo durante a década de 1950, dirigidos aos fiéis e à sociedade como um todo (devido aos limites próprios de um artigo, teremos como foco à década de 1950, mas tendo sempre como referência momentos anteriores, acompanhando vários indícios da gestação deste imaginário, e tendo em vista o processo que desembocará no Golpe Militar de 1964).

Entendemos aqui por discurso a produção de falas expressas de forma escrita, através de documentos oficiais a exemplo das *cartas pastorais*, *cartas circulares*, *declarações*, etc. ou que se pressupõem oralizadas como roteiros ou temáticas para homilias ou os mesmos documentos oficiais expressos e explicados durante as liturgias. Assumimos aqui uma perspectiva de discurso que considera suas condições de produção – condições conjunturais, condições sociais – e não apenas o toma em si mesmo como texto. Questionamos qual a sua razão de ser, o que ele produz, o que põe em movimento, o que ele faz ser.

Foi com a produção do “fenômeno comunista” que procuramos dialogar atentando para o impacto do mesmo no interior da instituição, gerando o medo de uma conspiração comunista que

tomaria o poder no Brasil e aboliria a Igreja, colocando em movimento um discurso eclesial anticomunista que produz por sua vez um imaginário em torno do fenômeno.

A imagem da “expansão do fenômeno comunista” no Brasil passou a povoar o imaginário político do período, em certa medida estimulado pela produção de falas, de discursos, veiculados seja na mídia impressa, seja nos púlpitos das igrejas. Estamos diante da *constituição* de uma mitologia política em torno do comunismo, *instituída* historicamente e que tem como um de seus agentes mais importantes a Igreja Católica.

É necessário esclarecer, quando falamos em mitologia política, qual a concepção de mito que estamos utilizando aqui. A leitura do mito é feita aqui em três perspectivas, como o compreende o historiador francês Raoul GIRARDET: a do mito como uma narrativa referente ao passado e que carrega em si um valor explicativo²; a do mito como mistificação, por alterar os *dados da observação experimental* e contradizer as *regras do raciocínio lógico*; e a do mito como imaginação criadora na medida em que incita à ação, sendo um apelo ao movimento³. Estes são alguns dos principais aspectos do mito político contemporâneo, segundo GIRARDET.

Assim a *ameaça comunista* no Brasil pensada como mito pode ser entendida como uma “*realidade existente*” e também como uma mistificação desta “realidade” produzindo uma ação – pondo em movimento uma reação a este “avanço”: o próprio discurso anticomunista que funda e realimenta o mito; e ações, em sentido estrito, como, na esfera eclesial, a *ação social católica* e na esfera temporal, o Golpe Militar de 1964, que encontra como uma de suas justificativas tal “avanço”.

Tentamos, ao longo do texto, considerar estas três perspectivas, acompanhando a produção textual de prelados, padres e alguns intelectuais católicos. Desde já reconhecemos o limite destas fontes na medida em que elas possibilitam a análise da produção do discurso mas não a de sua recepção. O que podemos afirmar com alguma certeza é que uma parcela considerável da população foi atingida pelo mesmo, seja através dos jornais, seja através das prédicas, já que era comum serem os documentos oficiais da Igreja acompanhados por *mandamentos* que determinavam a leitura e explicação dos mesmos durante as missas. Assim, tanto a população alfabetizada quanto aquela que não o era, foram atingidas pela pregação eclesial contra o comunismo.

A eficácia do discurso oficial pode ser medida pela permanência deste mito político no imaginário popular, principalmente entre as populações rurais e das periferias urbanas, sobretudo nordestinas. O imaginário anticomunista tem reacendido com todo vigor durante os períodos eleitorais quando a pecha de “comunista” recai sobre os candidatos da *esquerda*. Estes momentos tornam-se particularmente importantes por deixarem transparecer, por possibilitarem vir à tona, este fenômeno de longa duração.

Nas décadas de 1950 e 1960 o anticomunismo, ao estilo da guerra fria, tornou-se uma ação constante, constituindo esse um período particularmente rico quanto à produção deste discurso. A Igreja procurava tomar precauções contra a influência comunista seja com pregações anticomunistas nos púlpitos, em jornais, em documentos episcopais, seja com uma eficaz intervenção na “Questão Social”.

A *ação social católica* não foi motivada unicamente pela necessidade de antepor barreiras a um pretenso avanço do comunismo no Brasil. A Igreja vinha tomando ciência da gravidade do problema social, particularmente no Nordeste, sobretudo no meio rural, e considerava sua missão intervir no sentido de minorá-lo. Bem o comprovam a realização de diversos encontros de bispos, como o do vale do São Francisco e os encontros dos bispos do Nordeste e no caso particular da Arquidiocese de Maceió a realização das *Semanas Ruralistas*, a *educação de base*, a *rádio educação*, o *sindicalismo rural*. Mas o comunismo será sempre referenciado. A existência da pobreza, da miséria, da opressão do trabalhador, urbano ou rural, a falta de terra para plantar, em uma palavra a “*Questão Social*” será considerada terreno fértil para a pregação comunista e a melhor forma de evitar seu florescimento é resolvendo-a. Não bastava uma atitude “negativa”, passiva, de repressão ao comunismo era necessária uma atitude “positiva”, ativa, da Igreja e dos governos para combatê-lo e esta atitude se traduzia no que diz respeito ao ambiente eclesial na *ação social católica*.

O medo será o tempero desta ação. No meio eclesiástico o pretenso avanço do comunismo era um fato. O “fenômeno comunista” existia, estava presente no Brasil e era ameaçador. MAINWARING afirma que no período de 1930 a 1964 a “ameaça comunista era uma das maiores preocupações dentro da Igreja”⁴. Esta situação parece não ter sido diferente para o conjunto da Igreja latino-americana. DUSSEL, tratando da fase da história latino-americana a que denomina desenvolvimentista e que ele situa entre 1955 e 1964, escreve que o avanço do comunismo vai ser uma das questões mais angustiantes para a Igreja Católica na América Latina⁵. O mito da ameaça comunista no Brasil será gestado e será o responsável senão pela *ação social* em si ao menos pela intensidade com que a Igreja Católica no Brasil irá tratá-la.

O discurso anticomunista estará presente na Arquidiocese de Maceió desde muito cedo⁶ As páginas de *O Semeador*, órgão oficial de imprensa da Igreja local, serão o principal veículo do anticomunismo na Arquidiocese e a historiografia local registra a atitude anticomunista da Igreja católica, expressa por este periódico já na década de 30. ALMEIDA faz referência a um editorial de *O Semeador* onde se pede cautela contra o comunismo. Nele evidencia-se a preocupação eclesial com a penetração comunista nos meios populares: “O Semeador publica um editorial, em que avança a necessidade de manter-se cautela contra o comunismo; fala da penetração comunista no

que chamava classes populares e frisava a necessidade de providências para que os conservadores saíssem fortalecidos pela criação de um partido consistente”⁷.

A Igreja Católica no Brasil estava vivenciando neste momento o início de um processo de revitalização, que se estende até 1945, coincidindo com o governo Getúlio Vargas e ocorrendo em boa medida por conta do apoio deste. Atinge o apogeu o modelo de neocrisandade que se caracterizaria no período pela insistência num “catolicismo mais vigoroso e que se imiscuísse nas principais instituições e nos governos”⁸. A instituição, na avaliação de MAINWARING, tem como um dos seus principais objetivos o anticomunismo⁹:

[...] a Igreja dedicou muita atenção ao combate ao comunismo, reproduzindo as atitudes de Roma, embora a ameaça comunista não fosse muito pronunciada no Brasil. Clérigos brasileiros retratavam os comunistas como degenerados com desvios morais, “uma praga moderna”, “bárbaros modernos, armados de foice e martelo”¹⁰.

ALMEIDA em seu texto considerava, para o caso alagoano, que “Igreja e intelectuais formavam o corpus ideológico básico do anti-comunismo”¹¹. Essa intelectualidade é basicamente católica, em certos casos até mesmo clerical e, quando não, é no mínimo constituída por militantes católicos, alguns dos quais envolvidos com o movimento Integralista¹², que encontravam no *O Semeador* um dos principais instrumentos de divulgação de suas idéias.

Há entre a hierarquia uma clara consciência do papel ocupado pela imprensa, e em particular pela imprensa católica na sociedade. Esta consciência é explicitada pelo Arcebispo de Maceió, ao expressar seu sentimento para com o jornal diocesano, compartilhado pelo clero local que decide pela sua manutenção, após longo período fora de circulação. O anúncio desta decisão por Dom Adelmo revela nítida consciência do lugar ocupado pela mídia na sociedade:

O Semeador não pode morrer. Foi isso que o clero, por uma maioria quase totalidade, afirmou e se comprometeu a fazer tudo, para que o 'O Semeador' continuasse a voz sempre disponível de Deus e da sua Igreja, nesta hora em que os meios de comunicação têm a dinâmica singular e crescente de poderem **governar** e **desgovernar** o mundo¹³.

Esta opinião sobre os meios de comunicação não era inédita nem recente no seio da Igreja. Na Pastoral Coletiva de 1951, sobre *A Igreja ante os Problemas Atuais*, o episcopado brasileiro se debruça sobre a *Missão da Imprensa*, reproduzindo as idéias expostas por Leão XIII ainda no final do século XIX. Quando em recomendação aos bispos do Brasil este pontífice fala sobre a força da imprensa e o uso que dela devem fazer os católicos, sua posição em nada difere da que expõe Dom Adelmo cerca de 74 anos depois:

A ninguém passará despercebido, quanta força possuem os jornais e outras publicações congêneres, para **o bem** e para **o mal**, principalmente em nossos tempos. Portanto, não seja das menores solitudes dos católicos o combater com estas armas pela defesa da religião cristã, recebendo, como convém, as diretivas dos Bispos e guardando o respeito devido ao poder civil¹⁴.

Aqui a imprensa tem a força de motivar o *bem* e o *mal*, em Dom Adelmo, o *governo* e o *desgoverno*. Caberia à imprensa católica zelar pelo *bem* e pelo *governo* na medida em que à Imprensa leiga, secular, imputava-se, com exceções, o incentivo ao *mal* e ao *desgoverno*. Esta

atitude pessimista relativa à imprensa, e que revela uma atitude pessimista da Igreja em relação ao mundo, está presente na fala de Leão XIII, reproduzida na Pastoral Coletiva:

Pelos livros, pelos jornais... continuam a disseminar profusamente os germes da irreligião e da imoralidade, a abalar os princípios que num povo geram os costumes honestos e sólidos, a difundir máximas cuja consequência infalível é a perversão da inteligência e a corrupção do coração¹⁵.

Aos católicos caberia utilizando esta arma em que se constituía a imprensa, *defender a religião* (leia-se a Igreja Católica Apostólica Romana) contra os *germes da irreligião e da imoralidade* disseminados pela imprensa secular. Na Encíclica *Militantis Ecclesiae*, Leão XIII recomenda à Imprensa Católica:

Exortamo-vos a que afasteis toda controvérsia inútil, toda contenda de partidos, elementos de divisão dos ânimos, de sorte que todos, tendo uma só voz para a defesa da Igreja, conjuguem suas forças, para dirigi-las a um mesmo objetivo, num mesmo sentimento, solícitos em guardar a unidade do espírito, no vínculo da paz¹⁶.

Qual o inimigo que está presente, implicitamente, nas palavras destes prelados e do qual a Igreja deve defender-se? É possível vislumbrá-lo juntando alguns indícios soltos em suas falas: Num momento em que a imprensa tem o poder de *governar e desgovernar* o mundo, de produzir o *bem* e o *mal*, cabe aos católicos utilizando-se da mesma arma, através de uma imprensa católica e de sua *força persuasiva e de penetração*, colocar-se a serviço da *verdade que empalidece* e do *amor que enfraquece*, defendendo a *religião cristã*, combatendo os *germes da irreligião e da imoralidade*, defendendo os *princípios* que estão sendo *abalados*, princípios que asseguram os *costumes honestos e sadios* e combater as *máximas* difundidas (pela imprensa) e que conduzem à *perversão da inteligência e à corrupção do coração*.

Podemos tirar conclusões apenas genéricas afirmando que estão eles a se referir ao materialismo, à secularização crescente no mundo moderno. Mas estes possuem seus produtores, que têm na imprensa apenas um instrumento. Quem são estes? Necessário seria adentrar no contexto histórico em que estas *falas* foram produzidas. Por hora, algumas respostas para esta questão serão buscadas enquanto exploramos o que se diz sobre o papel, ou a *missão*, da *imprensa católica*.

O Semeador publicou alguns artigos sobre o tema, nos meses que antecederam seu cinquentenário. Num artigo intitulado “O Jornal - Pulpito”, [sic] assinado por um Pe. Palma, este clérigo compara a *imprensa católica* a um *púlpito eclesiástico*, a uma *cátedra docente*, a uma *escola pública*, em sua missão de transmitir as doutrinas da Igreja:

A imprensa católica tem a mesma missão da Igreja - isto é, levar aos corações dos homens as verdades ensinadas pelo divino mestre.

O jornal diário, a revista mensal, as humildes folhas avulsas, tornam-se um quasi [sic] pulpito eclesiástico [sic], cátedra docente, escola pública, mestre ambulante dos lares.

A ação católica do clero e do laicato espalha nas famílias [sic] bem intencionadas as folhas [sic] e mesmo livros capazes de conservar e aumentar de dia para dia as doutrinas de Cristo na salvação das almas.

[...]

O jornal católico, pequeno ou grande, vive na brecha ensinando e corrigindo.

Corrige os desmandos da vida pagã. Ensina todas as verdades religiosas aos homens de bôa [sic] vontade.

O decalogo [sic] está em vigor; o credo è uma regra de fé; a oração santifica as almas; os sacramentos nos unem a Deus; as virtudes cristãs elevam os homens à uma perfeição que o mundo desconhece... Eis o unico programa do jornal-pulpito [sic], tão necessario [sic] em nossos dias”¹⁷.

Por ocasião do aniversário de *O Semeador*, Florêncio Teixeira exalta a necessidade da Imprensa Católica no combate aos inimigos da Igreja, na “*batalha em prol da Religião, da Fé e da Moral*”. Pare ele uma “*luta titânica do Bem contra o Mal. Luta ideológica (...)*”. Ressalta em seu artigo a importância da imprensa católica no *doutrinação das massas*:

A imprensa é uma arma importante no doutrinação das massas, daí o empenho das autoridades Eclesiásticas de ampliar mais a mais a Imprensa Católica, na certeza de que assim estão usando armas modernas contra os inimigos modernos da Religião¹⁸.

Escrevendo sobre *O Semeador*, ressalta sua missão de *baluarte da fé* na luta contra os *inimigos da Igreja*:

Pugnando em defesa dos princípios que orientam e vivificam a Igreja do Cristo O Semeador espalha nos lares católicos a semente da doutrina pregada pelo Nazareno, semente cheia daquela vida Eterna pela qual foi vivido o mais belo drama da humanidade redimida pelo Sangue de Deus Filho - o drama Santo do Calvário.

Esta luta renhida, recrudescida pelos inimigos da Igreja (por vezes incompreendida por tantos nossos irmãos que negam consciente ou inconscientemente a sua ajuda, faz do O Semeador um baluarte gigante em defesa da Fé)¹⁹.

Em outro artigo, Florêncio Teixeira, escrevendo sobre a *Ação Social* e suas modalidades, na concepção de Tristão de Atayde, refere-se aos meios de comunicação inserindo-os na *modalidade preventiva*, exercida pela Igreja intencionando impedir os *males sociais*:

A modalidade preventiva é a que se exerce por meio de uma ação que visa impedir os males sociais. Aí a Igreja interfere ou pela revista ou pelo jornal, ou pelo radio, ou por campanhas contra a imoralidade, ou aproximando as classes sociais, ou ainda, prestando uma assistência moral, instituindo os orfanatos, os abrigos e as casas de reforma²⁰.

Tendo por missão *levar aos corações dos homens as verdades ensinadas pelo divino mestre* (Pe. Palma), *conservar e aumentar de dia para dia as doutrinas de Cristo na salvação das almas* (idem), *corrigir os desmandos da vida pagã*, *ensinar todas as verdades religiosas aos homens de boa vontade* (idem) e *impedir os males sociais* (F. Teixeira), a imprensa católica se constituiria em *arma importante no doutrinação das massas* (idem). Estaria assim a Igreja a utilizar-se de *armas modernas contra os inimigos modernos da Religião* (idem). Que inimigos eram estes? Novamente a pergunta que as falas destes autores não revelam, mantendo o inimigo implícito. Mas certamente os fiéis leitores de *O Semeador* bem o saberiam.

Encontraremos num artigo de Mons. Ascanio Brandão, reproduzido em *O Semeador*, um inimigo declarado a quem a imprensa católica deveria dar combate. Neste artigo o monsenhor acusa os católicos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo de possuírem estômago de avestruz [que a tudo engole] por não se utilizarem de um diário católico para combater as investidas da imprensa em geral, e da comunista em particular, contra a Igreja:

Abro jornais do Rio e de São Paulo. Cada dia me ferem a sensibilidade e o senso catolico o meu ‘sentire Ecclesia’, não poucos artigos e ‘suelos’ e notas, e anuncios etc.

Vejo diários comunistas pregando abertamente o marxismo e sublevando as massas. - Diários que estão nas mãos do povo, lidos e comentados apaixonadamente. Cada dia articulistas sem fé, sem moralidade e sem critério,

pregam as mais absurdas e impias doutrinas com uma desfaçatez revoltante. Leio blasfêmias horríveis contra o que a gente mais ama e adora. Vejo o meu Divino Redentor, o Santo Padre o Papa, Maria e os Santos em anedotas picantes e atrevidas e em caricaturas.

[...]

[...]. Onde estão os diários católicos do Rio e de São Paulo?

Dizem-me sempre que 'estão sendo estudados com muito carinho'. Dizem-me que há movimento e se discute o gravíssimo problema com grande interesse. Todavia os comunistas já acabaram de há muito as discussões, já estão por aí na massa do povo e os católicos ainda estudam as possibilidades de um diário católico nas grandes cidades. E vão engulindo tudo, tudo quanto a imprensa queira dizer contra nossa fé e contra a Igreja de Cristo.

Verdadeiramente os católicos de São Paulo e do Rio possuem um formidável estomago de avestruz. Santos e Ribeirão Preto, deram exemplo. 'Santos Jornal' e 'Diário de Notícias', dois diários católicos do interior paulista. E vão bem e respondem na altura, a qualquer insulto à religião e ao clero e combatem denotadamente o Comunismo. [...] ²¹.

Os diários católicos, para este clérigo, teriam a função de defender a Igreja contra os *insultos* mas também de combater o *comunismo*. Teriam os católicos de abandonar a atitude passiva que assumiam e passar a uma atitude ativa não apenas de defesa mas também de ataque. Ataque ao inimigo comunista. Ele não é o único, veja-se as referências à *imoralidade e falta de fé* dos articulistas que pregam *as mais absurdas e ímpias doutrinas*. Doutrinas no plural. Mas aqui o comunismo parece ser a principal, tanto que é a única denominada. Tanto a imoralidade, quanto o ateísmo estiveram sempre presentes nas referências, da imprensa católica ao comunismo, como será possível constatar adiante. Estes tinham no comunismo sua raiz.

A que outras *doutrinas* poderia estar se referindo aquele clérigo? Que outros inimigos a Igreja precisaria combater. Seu artigo não faz nenhuma referência a elas. Ainda no âmbito da imprensa católica, num registro feito no mesmo ano de 1950 (11 de outubro), num Livro de Tombo da Arquidiocese de Maceió, podemos encontrar uma boa resposta a esta questão. Nele informa-se o recebimento pelo então Arcebispo D. Ranulpho de um jornal chamado *A Verdade* que começava a ser *publicado e divulgado* em São Miguel dos Campos (AL) pelo pároco Pe. Júlio Albuquerque. Veja-se a que se destina *A Verdade: Destina-se a prevenir o povo contra a infiltração do Protestantismo, do Espiritismo e do Comunismo* ²².

Protestantismo, espiritismo e comunismo são os *inimigos* a que a Igreja deve dar combate, *prevenindo o povo* contra sua *infiltração*. Esta atitude preventiva, através dos meios de comunicação se constitui em uma função ou modalidade (a *modalidade preventiva*) da própria *ação social* da Igreja, como se referiu a ela Florêncio Teixeira, no artigo citado acima. A Igreja deve prevenir contra os *males sociais* e a raiz [ou uma das raízes] destes males está na pregação que fazem estas doutrinas disseminando suas idéias entre a população.

A atitude preventiva não é portanto isolada ao caso da Arquidiocese, nem à *Verdade* ou ao *Semeador* é uma atitude institucional e não se constitui em uma postura defensiva, *prevenção* deve ser entendida, no caso das doutrinas referidas, como uma atitude combativa da Igreja contra as mesmas. Protestantismo, espiritismo e comunismo são objeto de atenção pela Igreja brasileira e não são os únicos *inimigos* a que a Igreja deve combater. Poderíamos acrescentar a este hall o liberalismo e a maçonaria. A maçonaria não vinha sendo objeto de muita atenção na década de 50

mas na década de 30 acusava-se a existência de uma *frente única* contra a Igreja que congregaria maçons, protestantes, espíritas, socialistas, livres-pensadores e comunistas.

É o que se lê na *Carta Pastoral* de Dom José Maurício da Rocha, alagoano, bispo de Bragança Paulista²³. A segunda parte da Carta Pastoral trata do “Comunismo” e refere-se à existência da “frente única”:

O comunismo não anda sózinho.

Tem seus aliados, com os quais forma frente unica, como se diz hoje.

São conhecidos todos eles, já por nunca se hostilizarem mutuamente, o que deixa ver, senão identidade de programas, ao menos aproximação e simpatia, já, principalmente, por se abeberarem na mesma fonte do ódio à Igreja.

[...]

É de todos sabido que, para dar combate às emendas religiosas propostas para a carta constitucional de 1934, movimentaram-se, no Brasil inteiro, maçons, protestantes, espíritas, socialistas, livres-pensadores, comunistas, enfim, todos os chamados esquerdistas.

O alvo unico era a Igreja, por causa das reivindicações que pleiteava, contra a qual era preciso agitar todos os arraiais²⁴.

A Carta Pastoral em sua segunda parte trata em particular, caso a caso, a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo, além do socialismo e propõe os “*remédios*” para a cura do mal, os remédios a serem utilizados para a defesa da Igreja e do “*organismo social*” contra a “*dissolvente ideologia comunista*”²⁵. Datada de 1937, a Carta Pastoral de Dom José Maurício da Rocha integra um caudal de Cartas Pastorais de bispos brasileiros escritas neste mesmo ano sobre o tema, motivadas pelos discursos do Papa Pio XI, condenando o comunismo, e/ou por sua encíclica sobre o assunto²⁶ onde o considerava intrinsecamente errôneo²⁷.

A exemplo destas temos a 3ª *Carta Pastoral de Dom Gastão Liberal Pinto [...] sobre o Comunismo*²⁸, que é a mais antiga neste conjunto. Datada de janeiro, antes mesmo da publicação da *Divini Redemptoris*, ela é particularmente interessante por que retoma em parte um antigo esquema de interpretação. O esquema de Dom Gastão é o seguinte: liberalismo econômico/materialismo ateu/comunismo, que é explicitado pelo bispo na argumentação que se segue:

O erro hoje tão divulgado da doutrina comunista é uma consequencia de erros anteriores abraçados pelas inteligencias das gerações que nos precederam. A filosofia do século XIX apresenta um conjunto de idéias com tendências diversas e opostas, cada uma influndo em seus adeptos, inspirando a respectiva [sic] atividade.

O materialismo ateu

Uma dessas correntes, o materialismo ateu que envida esforços para penetrar nas camadas sociais hodiernas com as aplicações de sua doutrina, constitúe uma verdadeira depressão intelectual.

[...]

O liberalismo economico

O liberalismo econômico concorreu com o materialismo ateu para implantar o comunismo²⁹.

O esquema referido acima é uma cadeia causal de interpretação histórica que esteve presente entre os católicos no século XIX e que teve eco na encíclica *Immortale Dei* (1885) de Leão XIII, que estuda a concepção moderna de Estado³⁰. O esquema permite estabelecer relações entre diversos sistemas filosóficos ou doutrinas modernas ao instituir uma cadeia causal que partindo do protestantismo, instaurado com a reforma, chega até o comunismo: Reforma protestante/filosofia da ilustração/revolução francesa/liberalismo/socialismo/comunismo³¹.

Não é coincidência que Dom Gastão refira-se ao materialismo ateu, filho do liberalismo econômico, como uma das correntes da filosofia do século XIX responsável pela gestação do comunismo. E quando *A Verdade* se propõe a prevenir contra o comunismo, protestantismo e espiritismo, não é apenas o perigo imediato que estas doutrinas representam que lhe motiva mas também a idéia antiga de que elas têm raízes comuns, estão mancomunadas e são responsáveis juntas por uma onda de liberalidade, materialismo, ateísmo, secularização, palavras recorrentes na imprensa católica, que à Igreja cabe combater, pois ameaçam a razão mesma de sua existência a *crença* no sagrado conforme revelado pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Se esta onda de secularização à que a Igreja atribui os *males* da sociedade moderna estava associada mais intimamente, até o início do século XX, ao liberalismo de modo genérico, ela passa a ser associada com maior intensidade ao comunismo (ou, em menor escala, ao protestantismo e ao espiritismo). Muda o inimigo mas ele continua a existir. O tema do *inimigo* e do combate, da luta contra ele, é recorrente e bem antigo. Encontramo-lo sendo tratado explicitamente em *Carta Pastoral* de Dom Manoel Lopes³². Publicada em setembro de 1917³³, antes da revolução de outubro na Rússia, o comunismo não é tratado havendo apenas uma breve referência ao socialismo em sua relação com o operariado³⁴. O inimigo aí é identificado ao liberalismo.

Atente-se para a argumentação de Dom Manuel, ele identifica a existência do inimigo (o *homo inimicus*) atribuindo-lhe a responsabilidade pela guerra na Europa (1ª Guerra Mundial):

O **homo inimicus**, de que nos fala o evangelho ateando entre os povos o fogo de todas as paixões, provocou o grande incendio da conflagração européa, do qual as pavorosas chammas se vão estendendo, mundo em fóra, ameaçando sorver numa destruição geral todas as nações e até o nosso formoso e estremecido paiz³⁵.

O bispo identifica “*outro perigo*” mais terrível que a guerra, presente na alma da nação manifestando-se sob diversos sintomas de morte relacionando-os à *impiedade*, à *irreligião* e ao *pecado*:

Mas, ah! Irmãos e Filhos dilectissimos, outro perigo, digamol-o alto e bom som, ha outro perigo que também nos ameaça de futuras desventuras, quiçá mais terrível que a guerra, porque está dentro da alma da nação e se nos manifesta sob varios symptomas de morte: - desordens, lutas, desfalques, assassinios, fraqueza de caracter, etc. Cumpre-nos, pois, combatermol-o tambem, depois de lhe examinarmos a causa, a origem, o que obteremos através das luzes da Fé, da razão e da experiencia.

Em verdade, consultando os ensinamentos de Deus ao seu povo, bem claro se vê que a impiedade, a irreligião e o pecado têm provocado a ruina de muitos povos, consoante, além d'outros lugares, o seguinte da sagrada Escripura: - **a justiça eleva os povos e o pecado os torna infelizes** [Prov. cap. XIV, 34.]³⁶.

A raiz de todas estas mazelas está no *pernicioso* liberalismo que no caso do Brasil seduziu os estadistas fazendo a nação romper suas antigas alianças com Deus (numa referência ao advento da República e à secularização do poder civil). O texto de Dom Manoel revela enorme pessimismo em relação à sociedade moderna:

Ora um olhar passageiro em torno da historia do nosso paiz, onde se admira o carinho da Providencia pela sua grandeza [...] - nos patenteia a gravidade do peccado do Brasil - nação, que por tantas mercês rompeu as antigas allianças com o seu Deus, banindo-O de suas leis, de suas instituições, dos seus tribunaes, do seu parlamento, de suas escolas e de todas as suas manifestações officiais.

Foi que, seduzidos pelo clarão de uma luz fictícia, os nossos estadistas se entregaram ao pernicioso systema do liberalismo ou do naturalismo politico, que implantando na Europa e na America o atheismo dos Estados, cavou a ruina dos nacionalidades [sic], destruindo-lhes o nervo da autoridade, cuja força vem de Deus - **omnis potestas a Deo**: e preparou entre os povos da Europa essa immensa catastrophe de sangue e de dor, que hoje nos ensina que o progresso das sciencias e das artes, a grandeza dos exercitos e das esquadras, o augmento da industria e do ouro, longe do espirito do evangelho, invez de engrandecer os povos, os avilta, animalisando-os, qual se não foram creados para a posse dos bens eternos e celestes³⁷.

Quanto ao Protestantismo e ao Espiritismo eles apareceram junto ao Comunismo na mesma tríade Protestantismo/Espiritismo/Comunismo, enunciada pela *A Verdade*, apenas alguns meses antes da publicação deste periódico, nas *Instruções ao Clero* elaboradas pela Província Eclesiástica de Maceió (que reunia as dioceses de Alagoas (Penedo e Maceió) e a Diocese de Aracaju, tendo a Arquidiocese de Maceió como Sé Apostólica). Nestas *Instruções* afirma-se a necessidade de cristianização do povo para defendê-lo das sugestões do mal emanadas das doutrinas modernas: “É preciso se cristianizar o povo tão sujeito ás mais disparatadas doutrinas modernas contra a fé e a moral, afim de prepara-lo cristãmente para a vida e defende-lo das sugestões do mal”³⁸.

Nas *Instruções* os bispos da Província Eclesiástica tomam a Ação Católica como um instrumento fundamental nesta *cristianização* e reclamam das desculpas dos párocos para a não organização da mesma nas paróquias. Explicitam aí a que *doutrinas modernas* referiam-se no início das *Instruções*, tomando-as como *Inimigos da Igreja*:

Geralmente o obstáculo que se alega, para desculpar o não cumprimento deste preceito [a organização da Ação Católica nas paróquias], é a falta de elementos. (Seriamos bastante felizes se os inimigos da Igreja considerassem tambem que, em nossas paroquias, não ha elementos para organizar centros de espiritismo, cultos protestantes e núcleos comunistas)³⁹.

Mesmo sendo o protestantismo e o espiritismo considerados também como *inimigos* pela Igreja é o comunismo o *inimigo número 1*. É contra ele que se vai desferir os maiores ataques. E é em torno dele que se desenvolverá um verdadeiro imaginário. Inimigo universal da Igreja, em torno do comunismo e da ameaça comunista se desenvolveu uma das mais importantes mitologias políticas do século XX, ela continuará sendo gestada durante a década de 1960, estendendo seus tentáculos, tornando cada vez mais ameaçador o *homo inimicus*, cuja presença no Brasil será uma das justificativas para o Golpe Militar de 64.

NOTAS:

* O presente artigo é resultante da pesquisa desenvolvida para nossa dissertação de mestrado intitulada *Práticas Sociais e Imaginário Político na Arquidiocese de Maceió* (décadas de 1940 a 1960), defendida em abril de 1999, no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE e que contou com o financiamento do CNPq.

¹ A compreensão do discurso político como *instrumento ativo de poder* e não apenas como *reflexo da realidade social e política* está presente na análise que fez Lynn Hunt do discurso revolucionário, no primeiro capítulo de seu livro sobre a Revolução Francesa [*Politics, Culture, and Class*. Apud Idem. “Apresentação”. In HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p. 22-23], e cujos termos tomamos de empréstimo. Porém, diferentemente desta autora não estamos preocupados estritamente com a *lingüística*, com as palavras, mas com o conteúdo do discurso em sua totalidade.

² Esta é a perspectiva de mito trabalhada pelos antropólogos e historiadores do sagrado, particularmente por ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edição “Livros do Brasil” Lisboa, (s.d.). (Col. Vida e Cultura); *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1994. (Col. Debates - 52).

³ GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. pp. 12-13.

⁴ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo, Brasiliense, 1989. p. 56.

- ⁵ DUSSEL, Enrique. "Historia de la Iglesia en América Latina: una interpretación". In *Revista de História*. N.º 115 (nova série), julho-dezembro, 1983. São Paulo, USP. pp. 61-87. p. 80.
- ⁶ Não se tem como objetivo aqui fazer uma arqueologia dos princípios desta atitude, apenas considerar alguns referenciais mais antigos da mesma, para demonstrar sua existência e permanência em terras alagoanas.
- ⁷ ALMEIDA, Luiz Sávio de. "Raízes do Comunismo em Alagoas (I)". In *Debates de História Regional*. Op. cit., pp. 117-135. p. 120. (grifos no original) Necessário se faz ressaltar que este autor está tratando de um momento posterior à "Revolução de 30".
- ⁸ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. Op. cit., p. 43.
- ⁹ Idem. loc. cit.
- ¹⁰ MAINWARING. Op. cit., p. 49.
- ¹¹ ALMEIDA. "Raízes do Comunismo em Alagoas (I)". Op. cit., p. 123. (grifo no original)
- ¹² A história do Integralismo em Alagoas é tratada por ALMEIDA em "Notas para a História do Integralismo em Alagoas (I)". *Revista do Instituto Histórico de Alagoas*. Vol. 41, ano 1986-88, pp. 87-112. Também é tratada em outro artigo de ALMEIDA, "Raízes do Comunismo em Alagoas (I)", op. cit., p. 123.
- ¹³ Arquidiocese de Maceió. *Livro do Tombo n.º 16*. Op. cit., p. 68v. (grifos nossos).
- ¹⁴ Leão XIII. 2 de Julho de 1894. Apud. Pastoral Coletiva dos Cardeais, Arcebispos, Bispos e Prelados Residenciais do Brasil. *A Igreja ante os Problemas Atuais*. Petrópolis, Vozes, 1951. p. 14. (grifos nossos).
- ¹⁵ Leão XIII. Enc. aos Bispos da Itália, 1898. Apud Pastoral Coletiva dos Cardeais, Arcebispos, Bispos e Prelados Residenciais do Brasil. *A Igreja ante os Problemas Atuais*. Petrópolis, Vozes, 1951. p. 13.
- ¹⁶ Idem. Enc. Militantis Ecclesiae. Apud ibidem. p. 14.
- ¹⁷ Pe. Palma. "O Jornal - Pulpito". *O Semeador*. Maceió, (sexta-feira) 13 jan. 1950. p. 3.
- ¹⁸ TEIXEIRA, Florencio. "Luta e Glória". *O Semeador*. Maceió, (sábado) 4 mar. 1950. p. 1.
- ¹⁹ Idem. Ibidem.
- ²⁰ TEIXEIRA, Florencio. "Ação Social". *O Semeador*. Maceió, (sexta-feira) 26 mai. 1950. p. 1.
- ²¹ BRANDÃO, Mons. Ascanio. "Estomago de Avestruz". *O Semeador*. Maceió, (segunda-feira) 6 fev. 1950. p. 1.
- ²² Arquidiocese de Maceió. *Livro do Tombo n.º 11* (1950). Arquivo da Arquidiocese de Maceió. p. 23.
- ²³ ROCHA, Dom José Maurício da (Bispo de Bragança). *Carta Pastoral*. São Paulo, Of. Graf. da "Ave Maria", 1937. Dom José também publicou um livro sobre o comunismo (ROCHA, José Maurício da (Dom). *O Comunismo ateu e seus aliados*. Bragança, 1938. (Al - R573j - Com.)), que não foi possível consultar mas que provavelmente tem como conteúdo a segunda parte da presente *Carta Pastoral*.
- ²⁴ ROCHA. *O Comunismo ateu e seus aliados*. Op. cit., pp. 39-40.
- ²⁵ Idem. Ibidem. p. 53.
- ²⁶ Pio XI. Encíclica *Divini Redemptoris* (19 de março de 1937).
- ²⁷ MAINWARING. *Igreja Católica e Política no Brasil*. Op. cit., pp. 43-44.
- ²⁸ 3ª *Carta Pastoral de Dom Gastão Liberal Pinto Bispo Titular de Ippo e Coadjuutor de São Carlos sobre o Comunismo*. São Paulo, Of. Graf. da "Ave Maria", 1937. As cartas posteriores foram a *Carta Pastoral do Arcebispo e Bispos da Província Eclesiástica da Baía sobre o comunismo ateu*. Rio de Janeiro, Of. Graf. do Jornal do Brasil, 1937; e a *Carta Pastoral e Mandamento do Episcopado Brasileiro sobre o Comunismo Ateu*. Rio de Janeiro, Tip. do Patronato, 1937. que advertia sobre o marxismo que iria "destruir a moral cristã e acarretar penúria material". MAINWARING. Op. cit., p. 49.
- ²⁹ Dom Gastão Liberal Pinto. Op. cit., pp. 11-12.
- ³⁰ Cf.: CAMACHO, Ildefonso. *Doutrina Social da Igreja. Abordagem Histórica*. São Paulo, Loyola, 1995. p. 77.
- ³¹ O esquema é utilizado por P. Ladrière. "La Révolution française dans la doctrine politique des Papes de la fin du XVIIIe à la moitié du XXe siècle". *Archives de Sciences Sociales des Religions*. XXXIII (1988), 87-112. Apud CAMACHO. Op. cit., p. 77 (nota 3). Este esquema de interpretação permanecerá influenciando nas práticas políticas da Igreja universal na década de 1940 e em parte explica o alinhamento da instituição com os fascistas. Sobre esta ligação e suas motivações, escreveu HOBBSAWM: O que ligava a Igreja não só a reacionários anacrônicos mas aos fascistas era um ódio comum pelo Iluminismo do século XVIII, pela Revolução Francesa e por tudo o que na sua opinião dela derivava: democracia, liberalismo e, claro, mais marcadamente, 'o comunismo ateu'. HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 118.
- ³² LOPES, D. Manoel Antonio de Oliveira (Bispo de Alagoas e Administrador Apostólico de Penedo). *Carta Pastoral*. Bahia, Typ. de S. Francisco, 1917.
- ³³ Em 1917 comemorava-se o Centenário da Emancipação Política de Alagoas e a Carta Pastoral faz referência a esta comemoração que é para Dom Manoel uma "lição de patriotismo" (pp. 3-4). A data em si é rica em significados e provavelmente o bispo acreditou ter encontrado nela a oportunidade para tratar do tema central da Carta, o patriotismo. Seu objetivo é reacender ou despertar o amor à Pátria contra os males que lhe ameaçam.
- ³⁴ Cf.: LOPES, D. Manoel Antonio de Oliveira. *Carta Pastoral*. Op. cit., p. 26: *O operariado, de mãos calosas e peito offegante, que hoje o socialismo pretende afastar dos braços maternas da Igreja, para por meio de revoltas e vis explorações guindar-se aos postos de optimas prebendas, deve ao christianismo a feitura de sua glória, de sua honra e do seu valor*.
- ³⁵ Idem. ibidem. p. 11. (grifos no original)
- ³⁶ LOPES, D. Manoel Antonio de Oliveira. *Carta Pastoral*. Op. cit., pp. 12-13. (grifos no original)
- ³⁷ Idem. ibidem. pp. 13-14. (grifos no original)
- ³⁸ Província Eclesiástica de Maceió. *Resoluções das Conferências Episcopais da Província Eclesiástica de Maceió. Instruções ao Clero*. Maceió, 26 ago. 1950. [Arquivo da Arquidiocese de Maceió. Gaveta "Arcebispos". Pasta "Província Eclesiástica - Circulares".] p. 2. As Resoluções são assinadas por D. Ranulpho (Arcebispo Metropolitano), D. Fernando (Bispo de Aracaju) e D. Fr. Felício (Bispo de Penedo).
- ³⁹ Província Eclesiástica de Maceió. ibidem. p. 5.